

Palavras de Carlo e Maria Carla Volpini
Celebração de encerramento do Encontro
Quarta feira 21 de setembro de 2006

Gostaríamos, antes de mais nada, de pedir que partilhem conosco toda a emoção que sentimos neste momento tão especial de nossa vida de casal. Para além das palavras que podemos dizer-lhes, desejamos que vocês participem em profundidade, pelo pensamento mas sobretudo pelo coração, na dimensão profunda e intensa do que estamos experimentando: um momento em que se misturam a surpresa e a gratidão pelo dom que recebemos ao sermos chamados para este serviço. Surpresa, porque assim como as crianças arregalam os olhos diante da magia de Natal, não podendo acreditar em tanta festa e tanta luz, também nós, olhamos para o que nos acontece e pensamos que não podíamos imaginar um dom maior: sermos chamados para servir ao amor, amando-nos com mais ternura ainda; sermos chamados a servir ao amor comprometendo-nos a sermos testemunhas itinerantes do amor à maneira de nosso Movimento; sermos chamados a servir ao amor pelo amor que podemos dar a nossos irmãos de todas as equipes do mundo. Haverá um dom maior do que o de estar a serviço do amor por aqueles que, como todos nós aqui, alicerçaram sua vida na aposta do amor?

A consequência natural é o sentimento de gratidão infinita que sentimos para com o Senhor, que renova nossa vida pelo chamado para este serviço e que olhou com ternura para nós, nutrindo uma vez mais nossa vida com seu amor, como também a vida de todos vocês que aqui estão, porque sabemos e sentimos que vocês nos amam!

Assumimos neste momento o bastão das mãos de Marie-Christine e Gerard de Roberty, a quem se dirigem todos os nossos agradecimentos, não apenas pelo serviço prestado durante esses seis anos, mas também pela maneira que eles o vivenciaram e pelo novo rosto que quiseram e souberam dar à Equipe Responsável Internacional: Uma ERI que, na plenitude de sua responsabilidade, vive e partilha todos os valores de uma simples equipe de base: a amizade, a oração, a partilha, a troca de idéias, os trabalhos, o discernimento, a caminhada para frente.

A ERI da qual participamos é uma verdadeira equipe, na qual o espírito de colegialidade e de internacionalidade é vivenciada em cada momento num espírito de unidade, mas também de valorização do pensamento de cada um, por onde a voz dos equipistas do mundo inteiro chega e é ouvida. Um grande e verdadeiro obrigado, pois, a todos os casais da ERI, ao Padre Fleischmann, atenciosos e precioso Conselheiro Espiritual, que conosco partilharam esta experiência e uma vez mais em particular a Marie-Christine e Gerard, que souberam viver plena e profundamente sua responsabilidade, ao partilhar conosco este serviço e ao abrir o caminho para novas veredas na história de nosso Movimento.

Gostaríamos agora de nos voltarmos para cada um de vocês um por um, chamando-os pelo seu nome, dizer caro Michel ou cara Rosita, ou caro John ou cara Maria, ou ainda Carlos ou José e Geneviève ou Laura, Peter e Anna, Regina e Gabriel, Dick e François... gostaríamos sobretudo fixar o olhar no olhar de cada um de vocês, porque para além das palavras há olhares que transmitem toda a intensidade de um relacionamento.

Durante o tempo em que refletimos, antes de dizer “sim” a este serviço de responsabilidade, procuramos auxílio e conforto não apenas no diálogo entre nós e na oração, mas também nas palavras do Padre Caffarel que, no fundo, estava também nos chamando, de certa forma, para prosseguirmos na sua caminhada. Algumas de suas palavras nos marcaram de modo particular: *“existe uma fecundidade intelectual que é fruto do amor, sentimos a necessidade de um olhar que ouve”*.

Na realidade tão articulada e tão complexa de nosso Movimento hoje, constituído de casais que vivem em setenta diferentes países, seria bem difícil pensar em conseguir comunicar pessoalmente com todos pela palavra, mas talvez nisso também nosso fundador se mostrou profeta do nosso tempo: é possível comunicar com o olhar, mas sobretudo ouvir pelo olhar, ou seja, estar atento às necessidades do outro e servir ao outro naquilo que for necessário para o seu bem, simplesmente olhando para ele e lendo no seu coração.

Com efeito, este é para nós o primeiro compromisso da responsabilidade que vamos assumir: servir o Movimento na pessoa de todos os que dele fazem parte, ao estabelecer uma rede de relações feitas de palavras e olhares, que nos permitam sermos fecundos na marcha de amor que o Senhor quer para nossa salvação e de acordo com as orientações que o Padre Caffarel nos indicou, como guias para vivermos a fé e a vocação conjugal.

Creemos que a relação é hoje, mais do que em qualquer outra época, a possibilidade mais significativa que nos tenha sido dada para tornar viva a nossa fé. A relação no seio da Trindade está na base da fé; a relação entre Deus e o seres humanos é a base do caminho de santidade; a relação entre um homem e uma mulher é o início e o fim de seu amor. Mas nenhum de nós pode dizer que vive plenamente o significado profundo da relação, tanto do amor quanto da fé, se somente a vivemos num relacionamento individual, no plano humano, entre nós e nosso cônjuge e, no plano teologal, entre nós e Deus. A relação à qual cada um de nós é chamado é, com efeito, a da comunidade humana e eclesial.

O valor da internacionalidade, no qual o Movimento nos convidou a refletir nesses últimos anos, é um valor muito maior que o simples alargamento dos limites do mundo das Equipes de Nossa Senhora; ao contrário, torna-se uma possibilidade nova de expressar a atualidade da fé para a qual os sinais do tempo nos chamam: crer que a fé não é uma realidade individualista que diz apenas respeito ao relacionamento entre nós e Deus, mas que é um espaço no qual devem entrar as necessidades, os pensamentos, os sentimentos de todos os homens e mulheres da humanidade que caminha e mais particularmente desses irmãos de equipe com os quais partilhamos a viagem da vida; é uma dimensão na qual devem ser ouvidas as perguntas que ainda não têm resposta ou ainda não exprimidas sobre o sentido profundo da vida; é uma dimensão na qual a internacionalidade deve ter como sentido a busca, nas relações que vivemos e sobre o rosto de qualquer outro ser humano, do fragmento do rosto de Deus que ali podemos descobrir.

Tudo isso deve naturalmente ser vivenciado com uma *consciência* e com um senso da *responsabilidade* que expressem nossa capacidade de nos tornarmos e de sermos adultos: homens e mulheres adultos, fiéis adultos. É a isso que o Padre Caffarel nos convidava, ao dizer que “*as equipes não são abrigos para adultos bem intencionados!*”

Se a fé se manifesta também pela nossa capacidade de estabelecer relações entre nós e com os outros, no modelo e no exemplo da relação do Pai com o Filho e com o Espírito e à imagem vive da relação de Deus com sua Igreja, então devemos também compreender que nosso engajamento prioritário é o desenvolvimento em nós da capacidade de continuar, de maneira consciente e responsável, o progresso do Movimento das Equipes de Nossa Senhora, em seu avanço na história do cotidiano, sem perder suas raízes e sem fechar os olhos para o futuro que se aproxima.

Juntos, portanto, no espírito de unidade que nos vem de nossa fé de batizados em Cristo ressuscitado, e juntos no espírito de identidade que reconhecemos como equipistas para tornar viva a cada dia a graça sacramental do matrimônio, devemos sentir-nos engajados, nesses próximos anos, em assumir como nossas, vivendo-as no dia-a-dia, as orientações que o Movimento nos propõe para crescer na fé e no amor: sermos **Equipes de Nossa Senhora, comunidades vivas de casais, refletindo o amor de Deus.**

Essas palavras podem parecer simples e fáceis de fazer funcionar, porém alguns instantes de aprofundamento nos levam a compreender, à luz daquilo que vivenciamos estes dias, o quanto isto que nos comprometemos a viver nos próximos anos não é nem tão fácil nem tão banal.

Ao buscarmos o significado original da palavra *comunidade*, na sua acepção latina, vemos que se compõe de dois elementos verbais: “*com*”, que significa reunir, estabelecer relação e “*munis*” que significa dom. O termo “*munis*” tem uma raiz sânscrita “*ma*”, da qual procede o verbo trocar, distribuir. As equipes devem portanto ser para si mesmas e em testemunho para a Igreja e para o mundo, lugares onde pessoas e casais são capazes de pôr em comum aquilo que são e, o que são, dá-lo mutuamente uns aos outros e doá-lo aos outros.

O que possuímos é tudo aquilo que vivenciamos na nossa vida e nosso desejo da busca infinita de Deus. O que nos devemos fazer advir, como dom para nós e para os outros, é a capacidade:

- ❑ de partilhar, da mesma forma que o pão sobre a mesa, a nossa vivência, na co-participação;
- ❑ da fazer jorrar uma fonte de vida nova pelas palavras que trocamos no dever de sentar-se;
- ❑ de transformar as palavras que pronunciamos em nossas orações em palavras de vida;
- ❑ de partilhar as tristezas, as limitações, mas também as alegrias e as conquistas de nossa conversão contínua, no auxílio mútuo;
- ❑ enfim, de transformar a regra de vida em um estilo novo de vida que saiba nos modelar como pessoas novas.

Equipes como comunidades: isso não significa que encontramos a solução mágica para nossas próprias limitações e todos os problemas, mas que a comunidade, conforme o significado intrínseco da palavra, contém elementos capazes de transformar essas limitações e esses problemas em novas oportunidades, inéditas e desconhecidas, numa marcha harmoniosa – mesmo se com frequência íngreme – que vai do ideal à história concreta de nossa vida.

Equipes como comunidades vivas de casais que vivem sua fé na pequena história de cada vida e na grande história da marcha da humanidade, porque nosso Deus se fez homem e que nossa fé é uma fé encarnada que não pode ser eliminada da história.

É só assim que podemos esperar de alguma forma **refletir o amor de Deus**:

- ❑ um amor que sabe tornar-se atento às necessidades do outro
- ❑ um amor que valoriza a gratuidade, um amor que não ignora as fraquezas e os erros mas que os compreende e perdoa,
- ❑ um amor buscando incansavelmente o indefinido e o infinito
- ❑ um amor que busca a verdade do coração antes mesmo da verdade do espírito,
- ❑ um amor que se entrega confiantemente ao desígnio do Pai e que faz surgir na história da humanidade os novos caminhos do Reino, pois permite que se libertem as forças subterrâneas da vida e que se manifestem em pleno dia as invenções do espírito

Equipes de Nossa Senhora, comunidades vivas de casais, refletindo o amor de Deus

Este é o compromisso, quem sabe a utopia, o sonho, dos anos que nos esperam. “A utopia está aí, no horizonte. Damos dois passos para frente e ela se afasta dois passos. Damos dez passos e

o horizonte se desloca dez passos. Por mais que caminhemos, talvez nunca a alcancemos. Mas então, para que serve a utopia? Para isso : caminhar” (Eduardo Galeno)

Nosso Deus também está sempre “*mais longe*” (“Além”). Continuamente, ele nos chama para avançarmos e ele é o “*ainda não*” que deve ser sempre procurado, descoberto, encontrado. Mas o Senhor não é uma utopia, ele é, ao contrário, uma realidade de amor que nos espera.

“*Deus caritas est*”. Deus é amor e o Movimento nos pede o compromisso de caminhar em sua direção, sem nunca desanimar.

Pessoalmente, não sabemos por que estamos aqui, estamos cheios de medo diante deste apelo. Não temos nenhuma capacidade especial, pelo contrário, temos muitas fraquezas e muitas limitações, não entendemos por que o Senhor nos trouxe até aqui, para este serviço, esta responsabilidade.

Com certeza, nós nos amamos e amamos o ser humano, amamos todos os homens e todas as mulheres do mundo, amamos muito este Movimento no qual nos formamos como pessoas e como casal; confiamos no Senhor, em sua fidelidade, em seu amor.

Por causa deste amor do ser humano, deste amor das Equipes de Nossa Senhora, deste amor do Cristo, respondemos “sim”. Hoje, pedimos que vocês criem conosco um vínculo único, dando-nos as mãos e que cantemos juntos “*Ecce, fiat magnificat*” porque é somente juntos que podemos caminhar para frente e construir o futuro do nosso Movimento, é somente juntos que podemos ser ***Equipes de Nossa Senhora, comunidades vivas de casais, refletindo o amor de Deus.***

Lourdes 21 de setembro de 2006.